

Maria Araújo B. de Sá e Silva



Cadeira n.º 131

Dr. Mário Faria - Prof. e Poeta



MÁRIO FARIA

Advogado, professor, poeta e escritor

*** 21-04-1912**

+ 10-05-1988



MARIA ARAÚJO BARROS DE SÁ E SILVA

Santos, 21 04 89

ILMO. SR. COMENDADOR, LUÍS PINTO DIAS,
DD. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico
de Santos,
Preclaros Membros da Mesa e demais Autoridades
Senhoras e Senhores.

*"Como um carvalho gigante recoberto de
flores de macieira, é o homem imenso
que está em vós.*

*Sua potênciã vos liga à terra, sua
fragrância vos eleva no espaço, e
sua durabilidade vos dá a imortalida-
de".*

(GIBRAN)

Este fragmento extraído de "O Profeta", parece ter sido feito para o insigne professor, poeta e advogado **Dr. Mário Faria**, homem íntegro, culto e nobre em todos os sentidos, que no dia 10 de maio de 1988, atendendo a uma ordem expressa da natureza, nos deixou e assumiu a divinal missão de advogar num plano astral extra-físico, além terra.

Indiscutível é o dever que temos de exaltar os feitos daqueles que por seus méritos, fazem jus ao elogio e ao reconhecimento público de seus semelhantes.

É indubitável, portanto, que o Dr. Mário Faria, quando em vida, tenha trilhado palmo a palmo os caminhos do saber, da honestidade, do direito, da honradez, entre tantos outros.

Nada mais justo, que hoje se enalteça o nome desse brilhante

te jurista, que elegeu Santos como sua terra, onde trabalhou aplicando seus profícuos conhecimentos, para formar homens de leis.

Tendo sido co-fundador do IHGS, é mister que este sodalício eleve seu nome ao glorioso quadro de Patronos, conferindo-lhe a Cadeira de número 131, que eu tenho a grata satisfação e o júbilo maior de, a partir desta data, ser a Titular já que fora ele, Dr. Mário Faria, meu confrade na Casa do Poeta Brasileira seção de Santos.

UM POUCO DE SUA VIDA:

O Menino.

Mário Faria nasceu na progressista cidade de Itatiba, conhecida na época como a cidade das ladeiras, hoje, famosa pelos seus móveis coloniais.

Lá pelos idos de 1912, no dia 21 de abril, Itatiba estava em festa. No jardim público homenageava-se o herói da Pátria, Tiradentes. A festa maior, no entanto, acontecia na residência do Prof. Horácio Faria, Diretor do Grupo Escolar, porque sua esposa, Rachel Ayres Faria, professora primária, dava à luz uma linda criança que recebeu o nome de Mário.

O menino Mário foi o segundo filho do casal, sendo que seu irmão Romeu era o primogênito. Anos depois, nasceu Maria de Lourdes, o terceiro membro da família Faria.

Sua infância foi vivida em várias cidades, por motivo de seu pai haver deixado o Magistério e ingressado na carreira bancária.

Terminou o curso primário em 1925, na Capital, trans-

ferindo-se depois, para Itápolis e, a seguir, para Avaré. Seus pais aproveitavam os recursos locais dando instruções aos filhos, e Mário soube se beneficiar de todas as oportunidades. Muito ávido pelo saber e bastante inteligente, tomava aulas de Português e Alemão, distinguindo-se pelas boas notas e inclinação para o estudo.

Em 1927, falece seu irmão Romeu, aos 14 anos, e Mário, sentindo a sua falta, foi fazer o Curso Ginásial em Botucatu.

De Avaré, a família seguiu para Cruzeiro, à beira do rio Paraíba, circundada pela serra da Mantiqueira. Entretanto, Mário não pôde se deliciar com as belezas da cidade porque precisava concluir o Ginásio. Assim, foi estudar em Lorena, no Colégio São Joaquim, de direção dos padres Jesuítas, encerrando o curso em 1930.

O Direito e o Jurista.

Em 1931, a transferência da cidade de Cruzeiro para o Rio de Janeiro foi um passo decisivo na vida do jovem Mário. Aprovado nos exames vestibulares, logo estava cursando o Direito no Largo do Machado, na Capital da República, onde foi contemporâneo de Carlos Lacerda e Alzira Vargas, entre outros.

No terceiro ano, porém, necessitou dos cuidados familiares, por questão de saúde, por isso frequentou a Faculdade do Largo de São Francisco, em São Paulo, onde a família estava residindo.

Voltando ao Rio de Janeiro, aos 23 anos, em 1935, portanto, formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Fa-

culdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, destacando-se como um aluno brilhante.

1936: Formado, transferiu-se para Santos, porque sua família, aqui já residia. Iniciou a carreira de advogado com o Dr. José de Souza Dantas, e trabalhou por algum tempo no escritório do Dr. Manoel Hipólito do Rego, ambos advogados de grande destaque na cidade.

Em 1939 instalou seu próprio escritório e dedicou-se à advocacia, com as portas abertas aos pobres, pois "*não seria por um punhado de dinheiro que deixaria de ajudar um semelhante*" - dizia ele.

O Professor.

Lecionou na Escola José Bonifácio, mas sua maior militância foi na Faculdade Católica de Direito de Santos, onde ensinava Direito Internacional, de cuja Cátedra foi dono absoluto desde a fundação até ao dia de sua morte.

Com suas aulas, ficou célebre, entre seus alunos, por não consultar nenhuma anotação ou livros para ministrá-las, demonstrando assim, total segurança e domínio da matéria.

Trabalhou como revisor no jornal "O DIÁRIO DE SANTOS".

O Intelectual.

Relacionado com o saber e a cultura, foi co-fundador da Faculdade Católica de Direito de Santos.

Em maio de 1988, logo após seu falecimento, aquela Faculdade prestou-lhe significativa homenagem: em reconheci-

mento ao seu valor cultural criou o "Seminário de Direito Internacional Mário Faria", comparecendo ao evento personalidades ilustres do governo e dos meios intelectuais.

Foi co-fundador, também, desta casa, IHGS, da qual recebeu o título de Membro Honorário, no dia 27 de junho de 1985.

Pertencia ao Clube dos Vinte e Um Irmãos Amigos, representando o Estado de Goiás.

Integrava as seguintes associações literárias: UBT - União Brasileira de Trovadores; Academia Internacional de Poesia, Casa do Poeta Brasileiro e Academia Santista de Letras, ocupando nesta a Cadeira de número 20, cujo Patrono é José Feliciano Fernandes Pinheiro, o Visconde de São Leopoldo.

É importante frisar que o Dr. Mário Faria era dotado de memória privilegiada: ao fazer o elogio ao seu Patrono, fundador dos cursos jurídicos, dissertou por mais de uma hora, inteiramente de cor (na ocasião foi saudado pelo notável advogado e professor, Dr. Arquimedes Bava).

Era Sócio-Correspondente da Academia de Letras de Eldorado Paulista.

Insígnias, Medalhas e Placas.

Recebeu diversas. Mas, sendo uma pessoa sem arroubos de vaidade, não se preocupava em exibí-las. Por isso, serão citadas, apenas: Medalhas dos Andradas; de José Bonifácio; de Pero de Magalhães e uma com inscrição da Prefeitura Municipal de Mauá, SP.

Dentre as diversas placas, existe uma de ouro, ofer

tada pelos seus alunos. Ao referir-se àquela placa, ele ironizava dizendo, que a recebeu num ano em que a classe lhe deu muito trabalho, por isso, ficara até surpreso com a láurea.

O Cidadão.

Foi casado, em primeiras núpcias, com Ruth Bastos da Costa e Silva, filha do Dr. José da Costa e Silva, não deixando filho algum desse matrimônio.

1956: Contraíu segundo casamento com a Sr^a Dirce Gago Fernandes Faria, vivendo 32 anos em feliz harmonia e deixando uma filha, Regina Dirce, que está casada com o Sr. Júlio Monegatto Neto, os quais lhe deram dois netos: Júlio Eduardo e Raquel.

Muito dedicado à família e aos pobres, era um fiel colaborador da Sociedade São Vicente de Paulo.

Escritor e Poeta.

Essas duas pérolas vocacionais o Dr. Mário Faria o cultava-as incrustadas na concha de sua ilibada inteligência.

Foi colaborador do jornal "A TRIBUNA" de Santos, e escrevendo artigos, baseados, principalmente, no seu conhecimento maior: Direito Internacional.

Escreveu um livreto mas não publicou, narrando para os netos, "As Aventuras do Moleque Domingos". Nessa narrativa, ele retrata cenas com muito humor, bem ao gosto infantil.

Sua irmã, Lourdes Faria, conta algumas aventuras do mano Mário, bem parecidas com as do Moleque Domingos, do

seu livro.

"Uma dessas peripécias do Mário" - diz ela: "foi quando ele cursava Direito (isto ele contava com orgulho de estudante). Certa vez, numa roda de amigos, queriam colocar um ioiô na mão da estátua de José Bonifácio, que fica em frente às escadas da legendária Faculdade do Largo de São Francisco. Quem se ofereceu para a bravata? Ah, só podia ter sido o Mário Faria, que além de ser bom estudante, também era um atleta."

Desta forma, estaria o Mário transpondo para o "Mo_lleque Domingos", a sua idiossincrasia? - É possível.

De aprimorada sensibilidade poética, publicou "Versos ao Léu", livro de poesias, e compôs uma série infindável de sonetos, não publicados. Seu estilo era o épico. Em seus versos, exaltou muitos amigos, vários heróis e diversos vultos da História. Louvou a Jesus, São Dimas, São Tomé, São Pedro e São Judas. Decantou: o Brasil, Portugal, Espanha e França. A sua Faculdade Católica foi também louvada, exaltada e decantada em vários poemas e sonetos.

Eis um deles.

*SAUDAÇÃO À FACULDADE

(Aos alunos da "nossa" Faculdade)

Eu amo a Faculdade de Direito
de Santos, minha terra de adoção...
Foi lá que como lente eu fui aceito,
Desvanecido ao honroso galardão!

Amo os alunos como são. Respeito
Os estouvados mesmo. O coração
Do professor no entanto contrafeito,
Se inclina aos que cultivam a educação...

Muito eu te devo ó Templo de Cultura...
Disciplina me impões, rijo labor
Me apontas para estar à tua altura...

A ti, piedoso ofertado o meu amor,
A ti o sofrer, a ti minha ventura
E as horas de esperança e de temor..."

Os seus dons de escritor desabrocharam já na infância. Costava de escrever contos infantís, e seus mestres notavam seu amor pelos animais, porque em suas histórias, havia sempre um cachorrinho.

Essa afeição foi uma constante em sua vida, por isso foi eleito Presidente da Associação Protetora dos Animais, por várias vezes e escreveu diversas poesias, onde figuravam: o gato, o jabuti, o lobo, e o cão.

No poema intitulado "Branco", o poeta extravasa todo o seu carinho e sua docilidade. Ei-lo:

"BRANCO

(a meu último cachorro)

*Estou triste, muito triste.
Lembrando amigo querido,
E meu pensamento insiste
Em ir buscá-lo do olvido.*

*"Branco" seu apelido era.
Ficou comigo treze anos,
Não tinha instinto de fera,
Nunca me deu desenganos.*

*Alegre, amigo e bonzinho,
Seus prazeres inocentes
"Passear" e pedir carinhos,
Lançar-me olhares dolentes.*

*Eu era, sim, o seu rei,
Seu amigo e protetor.
Quando se foi eu chorei,
Imensa foi minha dor.*

*Morreu de velho, morreu
Doente do coração...
Velando-lhe o corpo, eu
Prometi não ter mais cão!*

....."

Participou da primeira Antologia da Casa do Poeta Brasileiro, seção de Santos na qual publicou, entre outras esta trova:

*"Itatiba pequenina,
Minha doce namorada,
É por certo minha sina
Trazer-te sempre lembrada..."*

Nessa Antologia, houve uma feliz coincidência: por ser em ordem alfabética a colocação dos nomes dos poetas, o meu nome, ao lado do nome do Dr. Mário, está nas páginas centrais, sendo a página 14 a minha, e a 15, a dele.

Na aludida Antologia foi inserido o poema "A Corruíra", um dos seus prediletos. Nas reuniões poéticas, ele declamava-o, sempre afirmando que o compôs para sua neta.

"A CORRUÍRA

*Era um quarto, sombrio e discreto,
De telha vã por onde entrava o vento.
Ali era o recanto predileto
De alguém simples, tristonho e cismareto.*

*Certo dia em que tudo era mais quieto,
Esse alguém descobriu (doce momento!)
Que uma corruíra, dentro do seu teto,
Partilhava de seu isolamento.*

*Assim és para mim, linda criança;
A destruir as teias do passado,
Vieste-me alegrar a tarde fria.*

*Tu és a minha aurora, luz, bonança!
Deixaste-me feliz e deslumbrado,
Qual foras o raiar de um claro dia."*

Sua neta era mesmo sua musa inspiradora. Em outro soneto, não publicado, ele chamou-a de:

"MINHA NAMORADA.

*Tenho uma namorada que me encanta.
Dentre tantas que tive, ela é a primeira
Enche-me a vida de alegria santa
E apesar de criança já é faceira*

*Ei-la que chega, alegre e buliçosa,
Sabe o quanto vale, sabe o quanto pode.
Dá-me agrados também a flor mimosa
Mas às vezes desmancha-me o bigode...*

*Não me zango e até gosto, sou sincero
E peço a Deus que sempre ele abençoe
Essa menina a quem sou fiel.*

*Sua felicidade é o que mais quero.
Quem é ela? Não sabe? Não caçoe.
É a minha neta amada, é a Raquel."*

A inspiração e o carinho do avô jamais seriam só para Raquel; seu neto, Júlio Eduardo, também numa tarde fria, despertou-lhe o estro. E ele compôs:

"O COBERTOR

*Fria e cinzenta a tarde aquele dia...
Deitado e cismarento eu me lembrava
De um passado distante, e em nostalgia,
Eu via um tempo que não mais voltava.*

*Estava triste e queto, alma vazia,
Mas no quarto sem luz onde eu me achava
Entrou um anjo louro que sorria,
E aqueles meus cismares afagava.*

*E num gesto sublime o anjo inocente
Toma de um cobertor aconchegante
Deitando-o sobre o seu avô cansado...*

*Deante de tão pródigo presente,
Mais valioso que um rútilo brilhante,
Bendisse aquele neto muito amado!"*

Procurando-os em seus escritos, encontrei estes sonetos e se os netos deram-lhe bons motivos para composições, sua filha já os havia propiciado antes.

Por ocasião do casamento de Regina Dirce, o erudito poeta compôs este soneto para ela:

"VINTE ANOS DEPOIS

*Quase vinte anos idos, quão ligeiros!
Parece que foi ontem que chegaste
A este lar com os risos teus primeiros,
E que frágil aqui te agazalhaste...*

*E a criança que acreditava em fadas,
Papai Noel e mais coisas assim,
Cresceu feliz entre visões douradas,
E o botão, numa rosa fez-se enfim.*

*Trilhas no entanto, agora outro caminho,
Ao lado de teu noivo, embevecida
Transbordante de amor e de carinho.*

*Neste momento, filha mui querida
Não te doas que eu chore de mansinho...
Prossegue junto ao eleito de tua vida!"*

O poeta vivia rodeado de musas. Contudo, a ninfa maior era a sua jovem e bonita esposa, Dirce. Impossível transcrever aqui todos os poemas feitos para ela, ficando apenas este:

"DESCOBERTA

*Contigo eu me lembrava um certo dia,
De um tempo ido não muito distante.
Refletiu-se em teu rosto a nostalgia
E umedeceu-te o olhar naquele instante*

*Só então descobri: resplandecia
Teu rosto de beleza fascinante,
De mulher em que o amor e a fantasia
São os prenúncios de uma ardente amante.*

*Senti-me envaidecido e satisfeito
E consolado desta vida dura,
Pois ser por uma flor mimosa o eleito,*

*É ser guindado até a suprema altura.
Tremulou indecisa no meu peito
Uma esperança cheia de ventura!"*

Recordando o homem culto e escoreito que foi o meu con
frade e hoje, meu Patrono, volto ao início deste trabalho pa
ra retomar as palavras de Gibran, que tenho certeza, bem po
deriam ter sido proferidas pelo Dr. Mário Faria:

"... o vento me convida a vos deixar.

Embora eu não esteja tão apressado quanto o vento, toda
via devo afastar-me.

Somos as sementes de uma planta tenaz, e é quando amadurecemos e atingimos a nossa plenitude de coração que o vento se apodera de nós e nos espalha.

Breves foram meus dias entre vós, e mais breves ainda as palavras que pronunciei.

Mas se, um dia, minha voz desvanecer-se em vossos ouvidos e meu amor evaporar-se de vossa memória, então voltarei a vós.

E com um coração mais fecundo e lábios mais obedientes à voz do espírito, falar-vos-ei de novo.

Sim, voltarei com a maré.

E embora a morte me oculte, e o grande silêncio me envolva, procurarei novamente vossa compreensão.

E não procurarei em vão.

Se algo do que vos disse for verdade, essa verdade vos será revelada com voz mais sonora e em palavras mais acessíveis ao vosso entender.

Vou-me com o vento, (...), mas não descerei ao vácuo do nada.

E se este dia não foi a realização de vossas aspirações e de meu amor, fique ao menos como a promessa de um encontro futuro."

GIBRAN, *In: O Profeta*, p. 80.

MARIA ARAÚJO BARROS DE SÁ E SILVA

NOTA: Os dados para este trabalho foram fornecidos por **MARIA DE LOURDES FARIA COELHO**, irmã do Dr. Mário Faria.

As datas são aproximadas. A exatidão corresponde, apenas, às de nascimento, casamento e morte.

REVISÃO: Aristheu Bulhões